

4º LIVRO DA SÉRIE

BRUXOS E BRUXAS

O BEIJO

JAMES PATTERSON
e Jill Dembowski

Tradução:
Ana Paula Corradini



Capítulo 1

Wisty

A CERIMÔNIA DE INAUGURAÇÃO foi muito emocionante e importante, mas era por *isso* que eu estava esperando: música bombando em minhas veias. Banho de luz dos holofotes. Meu cabelo voando enquanto arraso no violão.

Não é como quando eu toquei, ano passado, para milhares de pessoas no Stockwood, um festival proibido — tá, eu tenho que admitir que foi bem legal desobedecer à lei —, mas detonar de microfone aberto na festa “A Arte Está Viva” também é demais.

Para começar, a festa envolve todas as coisas que amamos e que ficaram proibidas por um tempão. Tem um monte de esculturas, textos e filmes novos em exposição, e é incrível ver, daqui do palco, as pinturas que O Único tinha confiscado todas restauradas e decorando as paredes. Ninguém acreditaria que esse lugar já foi o arsenal da Nova Ordem.

Enxugo o suor da testa e grito no microfone:

— Não podemos esquecer: a arte está viva... porque O Único está morto! — A multidão comemora.

Arrebento no último acorde e saio do palquinho para me juntar aos meus amigos — a maioria deles da antiga Resistência. Enquanto as luzes se apagam, esperando o próximo show, Sasha me passa um copo de ponche com um cheiro bem forte.

— Um brinde à estrela do rock — ele diz.

Dou um gole... e cuspo tudo, minhas narinas começam a queimar.

— Desculpe aí. Talvez seja minha aversão à cor vermelha, mas isso aqui não é para mim, não.

Whit faz que sim com a cabeça.

— Bote fé no que estou dizendo: essa aí já é bem sem noção sem um pingo de álcool.

Dou uma risadinha cínica e Whit abre um sorriso.

— Tá bom, tá bom, “sem noção” até que é uma boa qualidade para uma artista. Você estava demais lá no palco, viu?

Abro um sorriso de orelha a orelha para o meu irmão.

— Aquele DJ também — falo para Whit, quando o próximo show começa.

— É. Aquele cara é um amigo meu, Ross Lilienfield — Sasha explica. — Nós mixávamos uns discos juntos no porão da casa dele quando éramos crianças. Ele está mandando muito bem.

Faço que sim com a cabeça e começo a dançar. A energia da música encontra seu caminho até os meus quadris e pés.

Janine me dá um cutucão.

— Pelo jeito você tem um fã.

Sinto o olhar dele sobre mim. Mesmo nessa escuridão, dá para ver um menino. Nossos olhares se cruzam e algo dentro de mim fica tão explosivo quanto os fogos de artifício que criei há pouco.

Janine aperta meu braço e dá uma risadinha, mas não consigo nem dar um chega para lá nela.

O menino vem andando em minha direção. A cada passo, sinto meu coração pulsar.

E então Byron aparece ao meu lado, exigindo atenção. Como sempre, ele está no modo puxa-saco:

— Você é um gênio da música, Wisty — ele diz, seus olhos brilhando de sinceridade.

É lógico que ele está vestido com uma roupa chique demais para essa festa, mas mesmo assim está elegante, quase bonito, com uma camisa branca bem passada e gravata preta. Tenho certeza que qualquer outra menina acharia um charme aquela ruguinha de ansiedade na testa dele. Infelizmente, ele não está a fim de qualquer outra menina.

— Valeu, Byron — respondo meio resmungando enquanto meus olhos rastreiam a multidão em busca daquele gatinho das sombras. “Mas para onde é que ele foi?”

— Na verdade, você estava *pegando fogo* no palco! — Byron insiste, vendo que minha cabeça está longe. Pelo menos isso eu tenho que reconhecer: esse cara nunca desiste.

— Pegando fogo? Jura? — Olho para ele com uma cara irônica e Byron me responde com uma risadinha.

— Não foi à toa que seu amigo disse isso — diz uma voz suspirando em meu ouvido.

Quando me viro, meu estômago dá um salto carpado triplo. É o gatinho. De perto, ele é bem mais alto que eu e as feições dele são fortes, como se seu rosto tivesse sido esculpido. Fico tão sem graça que derramo meu ponche.

Ele sorri e se aproxima ainda mais.

— Aquela voz rouca... — Consigo sentir o cheiro de couro da jaqueta dele e o perfume da colônia pós-barba, e fico meio tonta. — Seu cabelo cor de fogo... Tudo em você é *quente* demais.

Mas os olhos *dele* parecem estar pegando fogo, mesmo àquela luz tão fraca. São intensos e assustadores, tudo ao mesmo tempo, e não consigo desviar meu olhar.

E também não consigo falar nada.

Ninguém nunca tinha falado comigo tão na lata assim. Geralmente, eu mandaria um cara passear por ser folgado desse jeito, mas esse menino é diferente. É como se ele soubesse que eu aceitaria qualquer coisa que saísse de sua boca perfeita.

— Você veio aqui só para passar esse xaveco furado nela? — Whit se intromete antes que eu consiga pensar numa resposta.

— Whit! — Janine dá uma cutucada nele e tira meu irmão de perto, mas fico com a cara no chão.

— Foi mal, ele é meu irmão e... — resmungo, parecendo uma idiota.

— Tudo bem. — O garoto ri e passa a mão pelo cabelo muito preto e espetado que cobre sua testa. — Na verdade, vim aqui para dizer que adorei seu show. Meio punk, um pouco de blues, e a técnica do vibrato e as variações de tom nos acordes mais fortes

estavam animais. — Ele sorri para mim confiante. — Gostei até de quando você copiou um pouco o estilo do Smash na hora de destruir as cordas.

— Todo mundo que toca guitarra copia pelo menos um pouco do estilo do Smash! — protesto, mas relaxo de novo enquanto ele dá de ombros todo contente. — Pelo jeito você sabe muito de música — observo, impressionada.

— Eu sei muito de um monte de coisas.

— Ah, é? — Abro um sorrisinho afetado. — E o que mais você sabe? — Geralmente, sou bem cética e não fico de paquerinha, mas com esse cara é diferente. Não sei de onde essas brincadeirinhas estão vindo.

Ele se inclina um pouco, seu rosto fica bem perto do meu e o queixo dele encosta no meu cabelo.

— Eu sei... o que você quer. — ele sussurra em meu ouvido e pronuncia cada palavra como se estivesse apreciando, sentindo o gosto de cada uma delas. Sentir um arrepio gelado no corpo não é muito comum para uma menina que pega fogo.

— E o que eu quero, então? — pergunto quando encontro minha voz de novo.

— Dançar. Comigo.

Ele é muito lindo, o tipo de cara que poderia conquistar o mundo, mas é seu olhar inabalável que me deixa com as pernas bambas.

Vejo o pessoal conversando em rodinhas.

— Mas ninguém está dançando.

— Você estava dançando. Eu vi você lá do outro lado. E me pareceu que você queria *remexer*. E que estava a fim de quebrar todas as regras.

— Mas eu só estava balançando um pouquinho — respondo rápido, morrendo de vergonha porque ele consegue enxergar quem eu sou de verdade. — Eu quis dizer que não tem *mais ninguém* dançando.

Ao ouvir isso, Janine pega Whit pela mão e o arrasta até a pista. Ela me lança um olhar por cima do ombro, do tipo “vá logo”, e eu faço uma careta para ela.

O menino ergue uma sobrancelha e as sombras brincam sobre o rosto dele.

— E então? Quer dançar?

Parece tão fácil me render ao ritmo, deixar nossos corpos se embalarem com a batida da música e ficar mais perto dele... Mas não sei se estou pronta para isso. Ele é um pouco lindo demais, um pouco alto demais, um pouco maduro demais... e um pouco confiante demais. Um pouco *homem* demais para mim no momento.

Espero mais um segundo e o menino se vira, suspirando.

— Meu nome é Heath. Quando cansar de ficar parada aí, me chama e nós dançamos.

Ele se vira e começa a se afastar.

— Acho que você não ia conseguir me acompanhar — grito para ele.

— Mas você gosta de provocar mesmo, né? — Heath abre um sorriso e o olhar elétrico dele volta a brilhar para mim. — Espero ter a chance de provar que você está errada.

Ele vai embora e eu, finalmente, solto a respiração. De todas as vezes que peguei fogo, nunca tinha sentido faíscas desse jeito.

— Quem aquele cara pensa que é? — Byron resmunga ao meu lado.

— O quê? — Olho para ele, chocada ao ver que o resto do mundo ainda está ali.

— Ele interrompe a nossa conversa, chega aqui como se fosse o dono do lugar e fica incomodando você mesmo depois de você deixar bem claro que, obviamente, não está interessada nele. — Ele franze a testa. — Ele é velho demais para você, de qualquer jeito.

— Cale a boca, Byron! — não me aguento. Estalo os dedos para ver se a magia me salva, mas de repente Byron não está mais à minha frente. No lugar dele, vejo uma fuinha dando gritinhos. — Eu deveria era deixar você desse jeito mesmo... o seu verdadeiro “eu”.

Mas nunca consigo ficar brava com Byron por muito tempo. Bato uma mão na outra e ele está de volta.

— Está se sentindo melhor agora? Já descarregou tudo em mim?

Ele não ficou muito feliz. Faço que sim com a cabeça, sorrindo.

— Com certeza.

E me bate aquela vontade de dançar de novo. Começo a rebolar bem de leve ao ritmo da música.

Na pista de dança, Whit e Janine vão para lá e para cá sob as luzes. Quando está perto do Whit, os olhos tão sérios de Janine brilham e sua risada invade o salão. Mesmo com um monte de meninas derretidas por ele, é estranho pensar em meu irmão como esse bonitão que todo mundo quer pegar. Mas Janine parece ver que Whit é muito mais que isso. Ela entende o Whit poeta... e também o Whit bocó.

Ele também parece estar caidinho por ela e, tenho que admitir, Janine é muito legal. Estou tão feliz por ele ter encontrado alguém especial de novo, depois de perder a Célia.

Suspiro. Talvez eu não devesse ter deixado Heath sair andando tão rápido assim... Mas ainda tenho tempo. Parece que esta noite tenho todo o tempo do mundo. Estou cercada de amigos, família, obras de arte incríveis e não tem nenhuma bomba por aí.

Só beleza.